

DESCARTES

René Descartes nasceu em Haia em 1596. Trabalhava poucas horas e lia pouco. A sua obra terá sido realizada em curtos períodos, de elevada concentração.

Foi um filósofo que realizou múltiplas viagens com a intenção de ler o grande livro do mundo.

É interessante mencionar, que Santo Agostinho formulou um argumento similar ao cogito, mas sem que o tivesse desenvolvido – *talvez não se tenha apercebido da sua real importância.*

Algumas obras:

Discurso do Método para Bem conduzir a Razão e Procurar a Verdade nas Ciências – Texto publicado no ano de 1637, como introdução a um conjunto de ensaios científicos – *A Dióptrica, Os Meteoros, A Geometria* – e que a partir do século XIX começou a ser autonomamente publicado.

Estabelece um método de quatro regras, por via da dúvida metódica – *ver infra.*

O *Discurso do Método*, pela sua importância, é obra cuja leitura não deve ser de modo algum evitada.

Meditações Metafísicas (a respeito da filosofia primeira nas quais a existência de Deus e a distinção real entre a alma e o corpo do homem são demonstráveis) – Uma verdadeira obra prima, que deve ser lida, tal como se nos apresenta, já que o filósofo intentou apoiar-se apenas em si próprio – *sem pretensamente recorrer a influências externas* – para atingir a verdade.

Divide-se em seis meditações:

- A primeira trata da dúvida;
- A segunda conduz o filósofo à certeza do que é, do que existe;
- Pela terceira, demonstra a existência de Deus;
- A quarta, demonstra como somos responsáveis pelos nossos erros;
- A quinta, demonstra também a existência de Deus – *argumento ontológico*; e

- A sexta trata da questão atinente aos objectos exteriores.

Princípios da Filosofia – Nesta obra, Descartes intentou publicar a exposição sistemática da sua filosofia – *nos domínios da Física e da Metafísica*.

As Paixões da Alma (ou *Tratado das Paixões*) – Se nas *Meditações*, o filósofo elaborou doutrinalmente a distinção real entre o corpo e a alma, nas *Paixões da Alma*, meditou na sua união substancial. Para a sua integral compreensão, deverá ler-se também *As cartas à Princesa Elisabeth*, filha de Eduardo V, da Boémia, correspondência assídua que ocorreu entre os anos de 1643 e 1649 – a temática desta, gira em torno da união da alma com o corpo.

Outras obras:

A Dióptrica – Parte integrante com *Os Meteoros* e *A Geometria*, dos ensaios que anexou ao *Discurso do Método*.

As já citadas *Cartas à Princesa Elisabeth*.

Tratado do Homem – Aqui procura entender a partir do mecanicismo os fenómenos biológicos, muito especialmente os do corpo humano.

Regras para a Direcção do Espírito – Exposição do método cartesiano, colocando a investigação na relação com a matemática.

A Investigação da Verdade pela Luz Natural – Diálogo que não foi terminado.

É com Descartes que se inicia com plenitude a idade moderna. Busca o conhecimento que brota de si mesmo e das inúmeras experiências que o mundo lhe proporciona.

A investigação de Descartes é dominada pelo próprio homem Descartes, tal como Montaigne já havia feito. Há nele um verdadeiro procedimento autobiográfico. Não pretende doutrinar o seu método de direcção da razão, mas apenas demonstrar como o fez. O seu problema fundamental, prende-se com a recta razão, com a sabedoria de vida. Mas, quer queiramos quer não, na sociedade humana, existe o que podemos denominar de unidade da razão, e o seu método de individual passa a ser geral. A distinção entre o verdadeiro e o falso é igual em todos os homens, desde que o bom senso impere nas suas mentes.

O seu método, considerou fecundamente o processo matemático, devendo ter um espectro universal e a sua aplicabilidade nos mais variados ramos do conhecimento. Definiu-o como o conjunto de normas, que impossibilitam confundir falso e verdadeiro, e são idóneas na condução do ser humano ao conhecimento possível – *já que nem tudo é objecto de conhecimento*.

O *Discurso do Método* estabelece quatro regras absolutamente essenciais:

- A evidência – para aceitarmos alguma coisa por verdadeira, não podemos ter qualquer dúvida sobre a sua veracidade. À evidência opõe-se a conjectura, que é no essencial, dúvida, mesmo que temporária. A evidência é atingida por intermédio da intuição, aqui entendida como um conceito da mente, que no estado de pureza e de atenção, não é atingida por qualquer dúvida objecto do pensamento;
- A análise – as questões devem ser observadas no maior número de partes possível, simplificando-as, para que a razão possa ter um entendimento mais perfeito;
- A síntese – conduzir a investigação do mais simples para o mais complexo, é regra de ouro;
- A enumeração – o investigador deve realizar enumerações exaustivas e revisões gerais, de molde a que tenha a convicção de nada ter omitido.

Descartes duvida do conhecimento sensível – *a dúvida é um conceito universal, neste particular* –. Posso, em boa verdade, de tudo duvidar. De Deus, dos astros, do meu próprio corpo, mas não posso duvidar de que o meu pensamento – *independentemente de ter sido ou não induzido em erro* – é um nada, tal como um nada é a coisa que o pensa. Deste modo, a única proposição absolutamente verdadeira, é o “penso, logo existo”. Eu existo, significa apenas que eu sou uma “coisa” pensante – *não posso, no entanto, afirmar que se trate de um corpo*.

Entende que a religião é um problema a debater com recurso à fé. A razão é inoperante neste domínio. Com isto, não se diga que quis “matar” Deus, como o fizeram alguns outros pensadores. Limitou-se a afastar do âmbito da filosofia uma problemática naturalmente incognoscível.

Deus visto como infinito, eterno, criador, onnipotente e onnisciente, não pode ter sido idealizado por um ser que não comunga de tal perfeição. A causa de ideia de um Ser com tais atributos, só pode ser fruto de um Ser idêntico e não do homem Descartes, que considera que a simples presença na sua mente da ideia de Deus, demonstra cabalmente a sua existência. Dele, temos uma ideia inata, como Ser sumamente perfeito, um ser que existe por si, é uno, e é uma poderosa e infinita fonte de existência. Esta ideia, é tal como a marca do artífice realizada na sua obra.

Diz-se que o conceito cartesiano de Deus, de religioso nada tem. Pascal acusa-o do seu Deus nada ter a ver com o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, com o Deus do cristianismo. Mas, o Deus de Descartes não será

o Deus cristão? Ter-se-á realmente o filósofo libertado dos seus condicionamentos, nomeadamente de uma esmerada educação religiosa e das doutrinas expandidas pelos filósofos cristãos que o precederam?

Entre homens e animais, a diferença reside de que naqueles constatamos a existência de uma alma racional.

Estudo temático. Para um maior desenvolvimento e conhecimento de outros filósofos sobre os temas versados, ver neste site, www.homeoesp.org » Livros online » *Deus, Alma e Morte na História do Pensamento Ocidental*.

JOSÉ MARIA ALVES
WWW.HOMEOESP.ORG